

BRANCO E NEGRO



Estimado 1882

O MINUETE

Preço 50 Réis

Numero 2

O BRANCO E NEGRO

REVISTA SEMANAL ILLUSTRADA PARA PORTUGAL E BRASIL

Editor responsavel J. DO PATROCINIO G. DE SOUSA — IMPRENSA DE LIBANIO DA SILVA, Rua do Norte, 91

Redacção e administração: RUA DO DIARIO DE NOTICIAS, 45, 1.º — LISBOA

Preço das assignaturas (pagamento adiantado)

PORTUGAL, HESPAHNA, MADEIRA E AÇORES		AFRICA PORTUGUEZA	
Tres mezes (13 numeros).....	650 réis	Seis mezes (26 numeros).....	1\$500 réis
Seis » (26 »).....	1\$500 »	Um anno (52 »).....	3\$000 »
Um anno (52 »).....	2\$500 »	Numero avulso 60 réis	
Numero avulso 50 réis		BRASIL E DEMAIS PAIZES	
PAIZES DA UNIÃO POSTAL		(Moeda forte)	
Seis mezes (26 numeros).....	8 francos	Seis mezes (26 numeros).....	3\$000 réis
Um anno (52 »).....	16 »	Um anno (52 »).....	6\$000 »
		Numero avulso 500 réis (moeda fraca)	

O importe da assignatura, sendo a cobrança feita pelo correio, accresce de 80 réis, podendo, porém, ser-nos enviado esse importe em vale do correio, ou carta registada.

Preço dos annuncios

DIMENSÕES DOS ANNUNCIOS	PAGINAS DE DENTRO		PAGINA DE FÓRA		ANNUNCIOS TELEGRAPHICOS
	Por uma publicação	Por mez, 4 publicações	Por uma publicação	Por mez, 4 publicações	
1/8 de pagina ..	750	2\$000	1\$500	4\$000	Annuncio de 15 palavras, cada publicação. 200 réis
1/4 de pagina ..	1\$250	3\$000	2\$000	6\$000	Cada palavra a mais 20 »
1/2 pagina	1\$500	5\$000	3\$000	7\$000	OBSERVAÇÕES
Uma pagina . . .	2\$500	7\$000	5\$000	10\$000	Os nossos annunciantes, excepção feita aos annunciantes telegraphicos, recebem gratis o jornal.
					A tabella para o Brasil é a mesma, sendo os preços cotados em moeda forte.
					Demais informações na administração do jornal.

Os autographos sejam ou não publicados, não se restituem.

Na tabacaria *La Lidia*, rua do Principe, 122, ha uma caixa especial para a recepção da correspondencia destinada a *O Branco e Negro*.
 Agencia no Porto: CENTRO DE PUBLICAÇÕES de Arnaldo José Soares, Praça de D. Pedro, 125 e 126.

FABRICA DE PAPEL DA ABELHEIRA

TOJAL

Especialidade em papeis de impressão, de escrever e de cartuxo calandrados

PAPEIS DE TODAS AS QUALIDADES

DEPOSITO

101 — RUA DOS CAPELLISTAS — 103

LISBOA

Fornecedor das repartições
do estado, camaras, escolas, ban-
cos, companhias, etc., etc.

TYPOGRAPHIA - LITHOGRAPHIA

Unicos depositarios das verdadeiras

LETRAS ESMALTADAS

RUA DO OURO
PALHARES
PAPELARIA

Deposito Exclusivo do Papel RAINHA D. AMELIA



João Velloso Feijó

Com estabelecimentos de **TBACOS, CAMBIO E LOTERIAS**—Grande sortimento de tabacos nacionaes e estrangeiros, boquilhas e outros artigos para fumadores, bilhetes e cautellas da loteria.—Rua da Bitesga, 51.

OURIVESARIAS E RELOJARIAS—Compra, vende e concerta relógios, objectos de ouro e prata, pedras preciosas e caixas de musica, **TRABALHO GARANTIDO**—**PREÇOS COMMODOS**.—Rua da Prata, 299 a 303.

Succursal—120, R. da P. da Figueira, 124—Torreão

CAFE-RESTAURANT—Grande sortimento de vinhos finos engarrafados, cognacs, genebras nacionaes e estrangeiras, cervejas, gazozas, etc., **ALMOÇOS E LUNCHS**.—Rua da Bitesga, 53 a 55.

LISBOA

GRANDE ALFAYATERIA AFRICANA

— DE —

EVARISTO NOGUEIRA & BRANDÃO

Lindissimo e variado sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras de diferentes qualidades

Fatos acabados com a maxima elegancia e bom gosto

Enviem-se amostras a todos os freguezes que as requisitem.

Para os freguezes da Africa, Brazil e provincias encarregam-se os proprietarios d'esta alfayateria de satisfazer quaesqueres pedidos para o que teem escriptorio de commissões e consignações

33, Rua da Victoria, 37

93, Travessa da Palha, 95

LISBOA

PARA BRINDES DE PASCHOA

Os Amores de Camillo Dramas intimos colhidos na biographia de um grande escriptor, por Alberto Pimentel, illustrações de Conceição Silva. — 1 volume brochado, 1,5200 réis, encadernado com uma artistica capa em percalina a ouro e côres, 1,5500 réis.

Mulheres da Beira, por Abel Botelho. — 1 vol. brochado, 700 réis; com uma bonita capa em percalina, 1,5000 réis.

Criterio de João Braz, por Silva Pinto, edição illustrada com um bello retrato do auctor, brochado, 500 réis.

Castellos de Cartas, contos por Alberto Pimentel, 1 volume brochado, ornado com varias illustrações, 500 réis.

Contos Maravilhosos para a infancia por Antonio Pena, 1 vol. brochado, capa illustrada por Augusto Pina, 600 rs.

À venda em todas as livrarias de Lisboa, Porto e Coimbra

Todas estas obras se enviam franco de porte, para todo o reino, a quem remetter a sua importancia a **LIBANIO & CUNHA** — Editores.

Tr. da Queimada, 34 — LISBOA

GIL BRAZ

Quinzenario illustrado, de musica, litteratura, critica, theatros, touros e sport

MUSICAS DOS MAIS LAUREADOS MAESTROS

COLLABORAÇÃO DOS MAIS DISTINCTOS ESCRIPTORES

Retratos e gravuras da actualidade, impressas com nitidez

ASSIGNATURA POR ANNO, EM PORTUGAL

Com musica.....	4\$800 réis
Sem musica.....	480 »
Avulso — Sem musica.....	20 »

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Rua do Amparo, 102, 2.º - LISBOA

BOBINA CENTRAL

Os ultimos modelos das machinas de costura da importante e acreditada Companhia Singer, são as de Bobina Central. Os seus resultados são surpreendentes em economia de tempo perfeito trabalho e duração.

SÃO AS MACHINAS FIM DE SEculo

A prestações e a dimheiro

105 e 107, Rua do Loreto, 105 e 107

LISBOA

36, Largo do Conde Barão, 36

10, Calçada da Graça, 10

111, Rua da Junqueira, 111



REAL COGNAC DE VINHO

José Guilherme Macieira & C.ª

SUCCESSORES DE

JOSÉ MARIA MACIEIRA

AVENIDA DA LIBERDADE, 124

— PRODUÇÃO ANNUAL 200.000 LITROS —

EXPORTAÇÃO PARA

Inglaterra, Alemanha, Brazil

e Africa

LISBOA



O Branco e Negro

SEMANARIO ILLUSTRADO

Director artistico, Conceição Silva — Caricaturas de Gelso Herminio e Jorge Collaço

ANNO I

Lisboa, 26 de Março de 1899

NUMERO 2



ALFREDO KEIL

O auctor da «Serrana»

A SERRANA



Lopes de Mendonça
Auctor do poema

PODE considerar-se o verdadeiro acontecimento artistico da presente época theatral a nova opera de Alfredo Keil, cantada pela primeira vez, a 13 do corrente, no Real Theatro de S. Carlos.

Este jornal dedicado a reproduzir a vida portugueza, nas suas mais accentuadas manifestações, honra-se de fazer nas suas columnas um registro desenvolvido d'este exito, que foi um verdadeiro triumpho para o inspirado auctor da brilhante partitura.

A *Serrana* é um drama lyrico, de entrecho simples, mas pungente, passado na alpestre região da Beira, nas abas d'esse magestoso Herminio, cujo nome é um padrão de gloria do genio de independencia d'uma raça. Passa-se a acção em 1820. Duas aldeias visinhas, Malhada e Alfatêma encontram-se em lucta aberta, divididas por uns violentos odios regionaes, que vão hoje desaparecendo, mercê do progresso dos tempos, mas que n'outras épocas menos cultas atevam por todo o paiz contendas interminaveis. Marcello e Pedro, os maioraes das duas aldeias inimigas, tem ainda a acirrar-lhes o odio com que se detestam o demonio do ciume, porque amam ambos a mesma mulher. Esta é Zabel, uma bella serrana, que tivera a principio amores com Pedro, o maioral de Alfatêma. A ambição impellira-a, porém, para os braços de Marcello, lavrador abastado, que, apesar de ver realisados os seus desejos, não pôde deixar de sentir o aguilhão do ciume, quando se lembra dos primeiros tempos de felicidade do seu antecessor.

Marcello quer interpôr entre Zabel e o seu antigo amante uma distancia infinita, e planeia ir para o Brazil com a sua amada. Esta que não quer affastar-se da sua terra, porque nunca deixou de amar o serrano de Alfatêma, concede-lhe uma entrevista, e propõe-lhe fugirem ambos. Ouvindo n'este momento a voz de Marcello, que se aproxima de casa, Pedro salta por uma janella para não comprometter a sua amada, e encontra a morte n'um dos barrancos da serra.

O drama tem, depois d'isto, um sombrio desenlace:—Zabel enlouquece, e procura por toda a parte o seu primeiro amado. Marcello, desvairado pelo ciume, assassina, por fim, a pobre louca, desfechando sobre ella a sua clavina.

O libretto d'esta opera é devido ao illustre escriptor, o sr. Henrique Lopes de Mendonça, que mais uma vez sustentou os seus creditos de dramaturgo consagrado, apresentando uma producção superiormente architectada. A versão italiana é do conhecido librettista Cesare Fereal, a quem já o maestro escolhera para seu collaborador litterario na *D. Branca* e na *Irène*.

Do notavel poeta do *Duque de Vizeu*, apparecem na *Serrana*, na lingua original em que foram compostas, algumas quadras. A sr.^a Tettrazini e o sr. Ragni, digamol-o de passagem, conseguiram cantar em excellent portuguez esses mimosos versos do sr. Lopes de Mendonça.

Eil-os :

ZABEL — Chamam-me rosa nos montes,
Nos montes onde eu nasci;
Toma cuidado co' a rosa
Que tem espinhos para ti.

Como a rosa das campinas,
Tem abrolhos a mulher;
Atráe muito o seu perfume,
Não faz mal a quem a quer.

ANDRÉ — Chamam-lhe rosa nos montes,
Nos montes onde nasceu,
Quem déra só para tel-a
Fortuna e vida, sei eu.

Enchi minhas mãos de sangue
Quando te quiz apanhar,
Mas conheço quem primeiro
Te colheu sem se arranhar.



Maestro Campanini

De resto o poema é todo filigranado na mais bella e sentimental poesia, repassado da maviosidade e lyrismo que o assumpto exigia e de que Lopes de Mendonça nos tem dado tantas e tão admiraveis provas. E para que os nossos leitores possam admirar mais um bocado dos bellos versos da «Serrana» não resistimos á tentação de lhes darmos os que se seguem, verdadeiras perolas arrancadas a esse escriptor precioso :

MARCELLO

Sim! que me inspira este licor!

Empunha o pichel que Nabor lhe offereceu, e então a canção. Todos cercam Marcello.

Eva, lá no Paraiso,
Uma vide quiz plantar;
Envolveu-a n'um sorriso
E o seu pranto a foi regar,
Sobre o tronco, d'improviso,
Os botões fez rebentar.

Logo após, d'estes bacellos
Cachos d'ouro viu brotar...
Em licor veiu a bebel-os,
Espremido no lagar,
Louro como os seus cabellos,
Doce como o seu doce olhar!

Espumante e bemfasejo
Chega aos labios o licor...
Cada sôrvo é como um beijo
Corre o vinho, brota amor!



Vista do 1.º acto

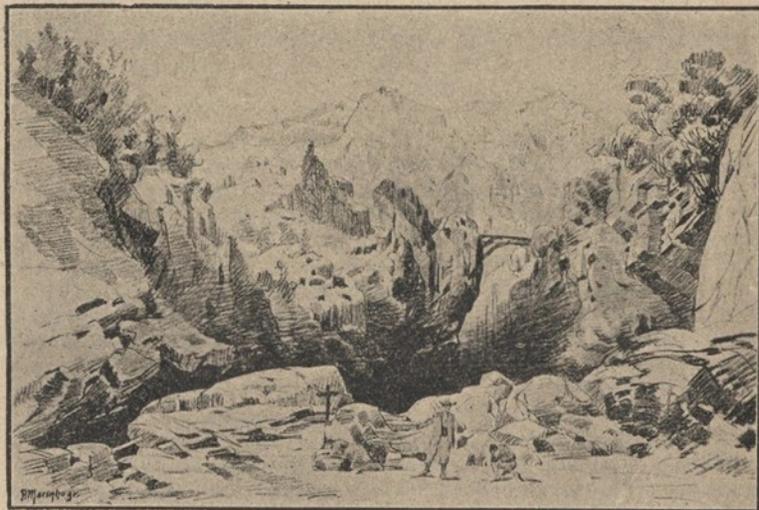
Côro de fiandeiras

Para fazerem um manto
A Senhora do Pilar,
Os anjos em rocas de ouro
Fiam raios de luar.

Fia, fiandeira
O teu alvo linho,
Não te fies nos homens
Que dão mau caminho.

O manto já estava prompto
Faltava só enfeitar;
Os botões eram estrellas,
A renda espuma do mar,

Fia, fiandeira,
N'essa linda roca;
Não te fies no amante,
Que te beija a bocca.



Vista do 3.º acto

A musica, dizem-n'o imparcialmente todos os entendidos, é o melhor trabalho que o nosso illustre *maestro* até agora tem produzido. Affastando-se muito dos processos seguidos nas operas precedentes, Alfredo Keil deu largas ao seu temperamento artistico, fazendo um trabalho cheio de vigor e de originalidade, em que as bellezas abundam, e que produziu no nosso acanhado meio artistico uma profunda sensação.

O desempenho da opera, confiado aos primeiros artistas de S. Carlos foi devéras excellente O personagem de Zabel, a apaixonada serrana, interpretou-o a sr.^a Tettrazini com uma notavel correcção. O publico foi justo, applaudindo-a no decurso da opera, e manifestando-lhe especialmente o seu agrado na canção do 1.º acto, na aria do 2.º e na scena da loucura, em que a distincta artista foi magistral.

Ancona, o applaudido barytono, deu á parte de *Marcello* um excellente relevo. O tenor Cartica mereceu igualmente os applausos do publico. De Grazia, consciencioso como sempre, interpretou brilhantemente a parte de *Nabor*, Ragni e Degrain cooperaram para as bellezas do conjunto.

O maestro Campanini, que dedicou á execução da *Serrana* toda a sua actividade e todo o seu *savoir faire*, obteve dos frequentadores de S. Carlos uma das maiores ovações a que n'esse theatro temos assistido.

O *Branco e Negro* não podia deixar de registrar esse exito da nova opera portugueza, e não podendo publicar por o não ter obtido a tempo o retrato do intelligente emprezario, o sr. Paccini, aqui lhe deixa no entanto consignado o applauso de que tão verdadeiramente se tornou credor.



Chronica

A PPROXIMA-SE a semana, consagrada pela Egreja Catholica á commemoração do grandioso drama do Calvario. A cidade, açoitada quasi diariamente pelas tormentas d'estas derradeiras despedidas do inverno, apresenta uma physionomia de tristeza, ainda mais accentuada pelas negras toilettes das damas, que seguem a rigor na presente quadra os preceitos da indumentaria religiosa.

Está um verdadeiro dia de semana santa, triste, carrancudo, revoltoso. As ruas, mediocremente calçadas, porque a municipalidade não dispõe de recursos nem para as obras mais indispensaveis, acham-se transformadas em pantanos sertanejos. Decididamente, a capital portugueza está cada vez menos apresentavel.

A miseria alastra cada vez mais a sua mancha sombria sob esta athmosphera pardacenta da cidade. Em vão a caridade elegante e fidalga inventa dia a dia festas attrahentes, cujo producto destina gentilmente ao allivio dos soffrimentos dos miseraveis. A fome atira incessantemente para as ruas friorentas e encharcadas, sinistros grupos de andrajosos, que a altas horas da noite dirigem aos transeuntes retardados o dilacerante clamor do soffrimento. Esta rapida visão da miseria sem conforto é uma estranha nota discordante, que deixa no espirito mais preocupado uma indelevel impressão de desconsolo.

Outra miseria occulta da cidade, a implacavel tuberculose, preocupa n'este momento intensamente a philantropia de algumas almas bem formadas. É medonha a estatistica das victimas d'este flagello, mais devastador do que o cholera, mais terrivel que qualquer das grandes epidemias. De ha muito que a imprensa periodica tem assignalado aos poderes publicos os espantosos progressos d'este mal endemico, resultantes da alimentação insufficiente das classes pobres, das suas habitações anti-hygienicas, do excesso de trabalho a que estão sujeitas, e de milhares de outras causas cada qual mais desgraçada. Tem sido completamente inutil essa canceira generosa. Os altos dirigentes do Estado, absortos nas cogitações dirimentes da politica, raro se occupam de cousas serias.

Foi mister que um distincto medico, o sr. dr. Moreira Junior, deputado da actual legislatura, erguisse a auctorizada voz no parlamento para o governo accordar do seu indifferentismo, e começar a pensar n'este grave assumpto. Registramos com prazer a consoladora noticia de ter o governo resolvido crear um fundo especial para tratamento de 300 tuberculosos. Nunca é tarde em demasia para se remediar um desleixo d'esta natureza, e estamos certos de que os esforços dos incansaveis obreiros do Bem hão de conseguir em breve resultados ainda mais satisfatorios.

A carestia sempre crescente das subsistencias constitue na actualidade o pesadello de todas as familias. Claro está que nos referimos aqui ás angustias do maior numero, áquellas que encerradas nos estreitos limites de uma receita sempre estacionaria, vêem crescer de dia para dia as despezas, sem que na maior parte dos casos possam explicar as causas d'esse pesado e extraordinario crescimento.

São numerosas as allegações do commercio para justificar esta progressiva e cada vez mais assustadora subida dos preços: a crise, que nunca debella, apesar de todas as promessas dos numerosos salvadores do paiz, o aggravamento dos cambios, os receios de conflictos internacionaes . que sei eu? Uma infinidade de pretextos, a maior parte dos quaes se vão desmentindo dia a dia, sem que essa clara licção dos factos faça mudar um apice este difficil estado de cousas.

Quando foi da guerra de Cuba e do rompimento das hostilidades entre a Hespanha e os Estados-Unidos, a carestia exacerbou-se medonhamente, sob pretexto dos damnos produzidos pelo enorme conflicto ao commercio internacional. Acabou a guerra ha muitos mezes, mas o

commercio encarregou-se de desmentir a logica, e apesar de não haver effeito sem causa, todos nós soffremos ainda esse terrivel effeito, apesar da causa haver entrado nos vastos dominios da Historia.

Com os cambios deu-se o mesmo phenomeno funambulesco — subiram, e os preços dos generos mais indispensaveis á vida seguiram essa subida com uma fidelidade digna de registro; — desceram, e esses preços conservam-se na alta com uma teimosia irreductivel.

Sem de modo algum quereremos fazer politica, impropria da indole d'este jornal, quer-nos parecer que um bocadinho de energia da parte dos dirigentes do paiz poderia evitar muitas d'estas anomalias, prestando aos interesses vtaes do paiz um serviço devéras assignalado.

*

Quando este numero d'*O Branco e Negro* entrar na grande circulação, phrase agora muito em moda entre as emprezas jornalisticas, que se présam, S. Carlos terá fechado as suas portas e o enxame dos cantores irá em demanda de outros climas menos hospitaes, exactamente ao invéz do que costumam fazer as andorinhas. Outro viveiro de rouxinolos menos canoros e certamente muito mais prejudiciaes ao paiz, S. Bento, bem desejaria fazer o mesmo, mas pésa sobre elle a ameaça de uma ou duas prorogações.

Não lamentemos, porém, os paes da patria pela sua forçada demora em Lisboa. Vem ahi a primavera, a estação mais deliciosa da capital, e as diversões não faltam para distrahir os animos de s. ex.^{as} do tedio inevitavel ás suas altas funcções de legisladores. Dentro de oito dias comecam as récitas de Maria Guerrero, que estão sendo a *great attraction* da actual temporada de theatros.

As touradas promettem uma época excellente tambem, principalmente as da Praça do Campo Pequeno, cuja empreza está envidando os maiores esforços para fazer uma inauguração brilhante, como desforra ás arrelias da inverno, que tão obstinadamente tem combatido a annunciada estreia do popular divertimento.

ARMODIO.

JOSÉ FERNANDES DE SOUSA (NEMO)



N'ESTE findar de um seculo em que, na sociedade portugueza, a energia e a crença se esvaem corroidas por uma indiferença e um commodismo aviltantes, aqui está um homem, aqui teem os senhores um portuguez velho, crente e forte, lutando como um gladiador, com valentia e sinceridade pela realisação dos seus ideiaes.

N'este caminho traçado com energia e pulso firme, a grande sinceridade da sua profunda crença abre largos sulcos de admiração e respeito na consciencia mesmo, dos adversarios mais intransigentes e ferrenhos.

E, raro exemplo da coherencia nos tempos correntes! Fernandes de Sousa, não se limita a escrever o que pensa, não tem uma opinião no jornal e outra fóra da redacção: na vida é o exemplo vivo da sua propaganda. Catholico fervoroso e illustre, não raro a sua sinceridade teem censurado certos actos do clero que não estão em harmonia com as generosas maximas christãs. E n'isso estaria o seu grande valor se a esse predicado que o torna temido e respeitado dos adversarios não juntasse uma vasta illustração e uma intelligen-

cia lucida e grande.

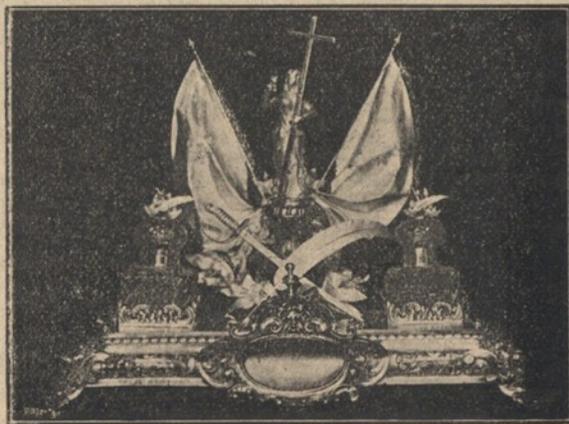
Ha tempo foi desafiado para um duello a proposito de uma noticia que o seu amôr á verdade lhe não consentiu calar. Teve a coragem, rara n'estes tempos, de mais uma vez ser coherente e declarou que se não batia, porque as suas crenças de catholico lh'o não permitiam.

Pois não foi com certeza porque ao seu animo resolute chegasse uma levissima sombra de medo Mas é que a sua crença tão sincera e tão profunda lhe não permittia outro caminho.

Esse acto valeu-lhe muitas e muitas adhesões de sympathia e d'ellas é prova o tinteiro de prata que os catholicos do norte acabam de lhe offerecer e que a nossa gravura reproduz.

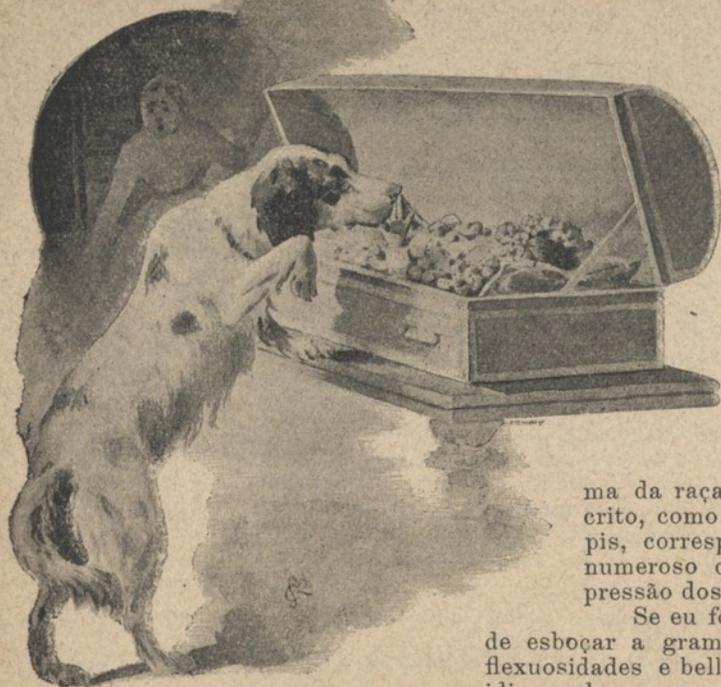
É uma bella obra da ourivesaria portugueza que o illustre director d'*O Correio Nacional*, tem no mais alto e subido apreço não bem pelo seu valor intrinseco que é grande, mas certamente pela sua significação que é bem maior ainda.

Magnifico e precioso presente é esse e bem merecido, porque Fernandes de Sousa, é uma honra para os catholicos, para o exercito e para o jornalismo do seu paiz.



ARMINHO

(Continuação)



EM quanto o trinar do rouxinol, o rugir do leão, o trucidar do tórdo, o rinchar do cavallo, o pissitar do estorninho, o grassitar do pato, o balar da ovêlha, o arensar do cisne, o pupillar do pavão, o gloterar da cegonha, o coaxar das rans, o trinfar da andorinha, o cocular do cuco, o mugir do boi, o fretenir da cigarra, o gruír do grou, o tinar da milheira, são pobres idiomas, talvez monosillábicos como o chinês, o idio-

ma da raça canina, embora não esteja ainda escrito, como nunca escrevêram a sua lingua os tupis, corresponde certamente a um alfabeto mais numeroso que o russo, e tem recursos pára a expressão dos mais variados sentimentos e conceitos.

Se eu fôsse naturalista e filólogo, ainda havia de esboçar a grammática dêsse idioma, onde entrevejo flexuosidades e bellêzas, que ninguém descobriu nalguns idiomas humanos, como o inglês e o sueco.

No impeto do cão, que se atira a um inimigo, há *interjeições* vibrantes, em que o grito da cólera parece estrangular-se na garganta.

No *rosnar* da mãe que defende os cachôrros, há frases sublimes, entrecortadas de reticencias, como o *quos ego* da *Encida*.

No *ladrar* do molosso, que está de atalaia á morada ou quinta do seu senhôr, há odes pindáricas de sonoridade altiva e bellicosa.

No *uivar* do cão solitário, por noites estrelladas e luarentas, há elegias pantheísticas, em que os devaneios e a aspiração ao infinito se casam com a harmonia do grande-tôdo e com a música das estrêllas.

No *ganir* do animal ferido ou contundido, há um estribilho dolorôso, repetido na mesma gama, espontâneo, alheio a regras estabelecidas, como um modismo grammatical.

Nos galanteios e no noivar dos sexos caninos, há suspiros e frases discretas, que ficam entre dois, como os grandes segrêdos da gênese universal.

Quando salta de alegria e agita a cauda e lambe as mãos de quem lhe faz bem ou de quem o estima, o cão, no seu murmurar indeciso e meigo, talvez recite um himno de saudação e homenagem, compôsto certamente pêlos melhores poétas da sua raça.

O thema aqui fica; tomem conta d'elle os sabios.

*

Mas o Lopes não comprehendia a linguagem de *Arminho*. Afagava-o simplesmente, lembrando-se da *Nini*, e ia deitar-se.

O cão voltava ao sotam, estendia-se na sua esteira, mas não dormia.

Tinha insômnias tormentosas, em que lhe parecia ouvir ruidos estranhos, vozes confusas, músicas fúnebres, dobrar de sinos... Eram os sintomas da paracusia, que é ás vêzes o pródromo da surdez, se não de graves perturbações da virculação.

De dia, vagueando pêlo sotam ou cosendo-se com as sombras do corredôr, parava de súbito, porque lhe parecia ouvir *Nini* a chamá-lo... Era a paracusia, torturando-o, martirizando-o.

Se a Jacinta o topava naquelles instantes de abstracção e olheamento, repellia-o feozzmente com o pé e vomitava sôbre elle um insulto ou uma praga bordelenga.

O animal, extenuado e febricitante, caía, gemia e arrastava-se para o sotam.

*

Um dia, uma réstia de sol entrou pela janela da água-furtada e foi aquecê-lo na esteira. *Arminho* distendeu os membros e, num impulso de agradecimento, caminhou para o sol: saltou pára a janela e quis vê-lo em todo esplendôr. Depois, baixou a vista, medindo a altura do prédio, e teve a tentação dos suicidas. O sol emprestar-lhe-ia ao menos uma mortalha de luz...

Mas, a súbitas, ouviu rumôr na trapeira ao lado e, voltando os olhos amortecidos, avistou uma fêmea da sua raça, que tambem trepara ao telhado e o conteuplava amorosamente.

Saudaram-se os dois e aproximaram-se.

A fêmea revelou-lhe tesoiros de ternura e beijou-lhe o pescôço. *Arminho* sentiu um estranho

estremecimento percorrêr-lhe a epiderme e quase se esqueceu de que tinha fome e febre. Um curto idillio pôde compensar um longo tormento.

Entremettes, a Jacinta, assomando á janela do sotam, atirou uma praga ao *Arminho* e ordenou-lhe que voltasse pâra dentro.

Arminho voltou; e a chibata, com que se sacudiam os tapêtes, sacudiu valentemente o pêlo setinôso do infeliz namorado.

Nêsse dia, nem pão e água lhe dispensaram.

Veio a noite, e *Arminho* passou-a toda de vela, planeando o meio de pôr termo ao seu martírio.

As 6 da manhan, o leiteiro poisou a bilha ao fundo da escada e subiu com meio litro de leite ao quarto andar.

Arminho sentiu abrir a porta e, aproveitando a costumada palestra do leiteiro com a serva, correu escada abaixo, fazendo cair a bilha e tomando dois goles de leite, que lhe deram algum alento para a fuga.

Correu, sem sabêr pâra onde, e achou-se á beira do rio, no Cães de Santarém.

Ladeou uma barraca, deslisou por um penêdo que resái sobre o Tejo, e atirou-se abaixo.

Afundou-se, voltou á tona da agua e, nêsse momento, a mão caridosa de um barqueiro seguiu-o pêlas orêlhas e depô-lo em terra.

Arminho, consternado, sacudiu o pêlo, procurou enxugá-lo, rojando-se no chão, e, enlameado e cabisbaixo, voltou á rua de Alfandôga.

Nessa hora, uma dama e sua filha entravam na Conceição Velha, e *Arminho* pensou:

— Aquella menina tem ares da Nini. Se ella me protejêsse... Tentemos.

E aproximou-se della, agitando meigamente a cauda e erguendo para ella olhos supplicantes.

— Cuidado, menina, não te suje êsse mostrengo, — disse a mãe.

— Jesus! que sujo! — disse a filha desdenhosamente.

O sacristão interveio, e não deixou entrar na igreja o pingarêlho vândio.

Decididamente, não havia que lutar contra o destino.

Arminho sentou-se na rua, meditando.

Avistou ao longe a carruagem do senhor patriarca e teve uma ideia redentôra.

— Agora, sim, — disse consigo *Arminho*.

E, quando os cavallos vinham a pouca distância, fechou os olhos e arrojou-se pâra a frente delles.

Um pequeno vendedôr de jornaes soltou um grito, fêz afroixar a andadura dos cavallos e, num salto, livrou *Arminho* de uma morte imminente.

Pela primeira vêz na sua vida, *Arminho* sentiu um movimento de cólera: mordeu o seu bemfeitôr e fugiu.

Achou-se no Terreiro do Paço.

Em corrida porfiada, um carro americano procurava adiantar-se a um carro que ia em frente.

Arminho não hesitou e atrevesou-se no carril.

Alguém gritou ao cocheiro que parasse.

Era tarde.

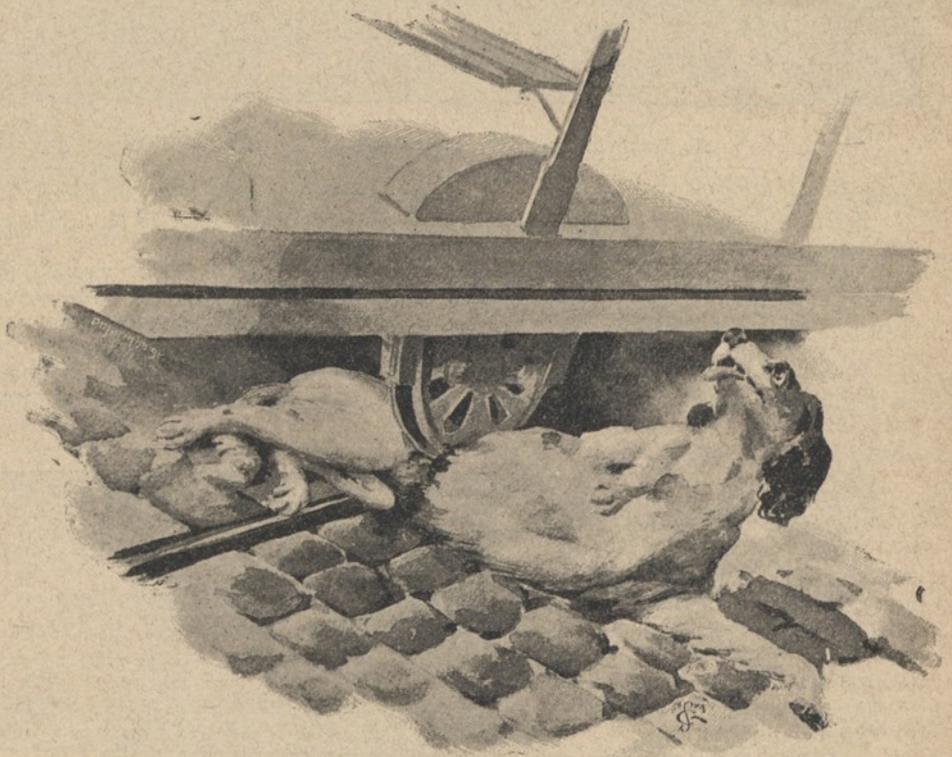
Uma das rodas dianteiras do vehículo tinha partido pêlo meio o côrpo de *Arminho*.

O cocheiro inclinou-se um pouco pâra vêr a victima e recebeu ainda o ultimo olhar do desgraçado.

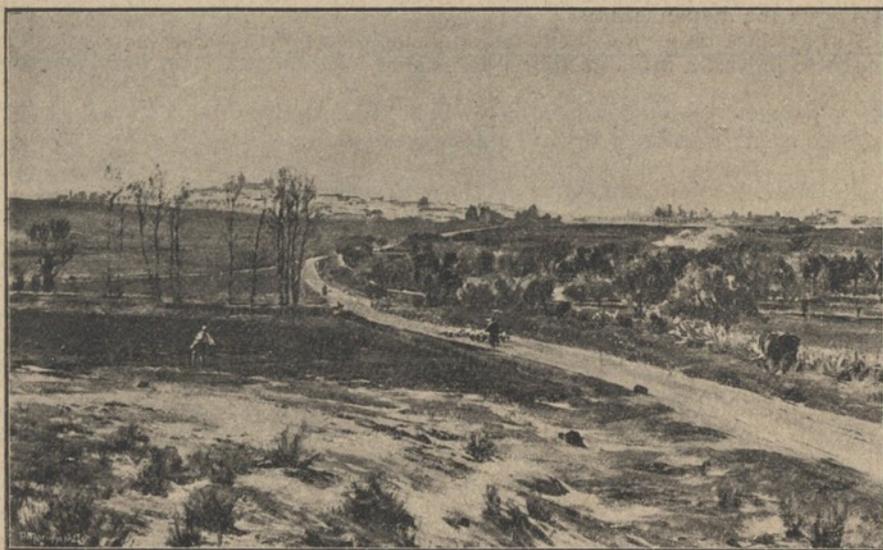
Esse olhar tinha uma expressão, que o cocheiro não comprehendeu.

Esse olhar queria dizêr:

— Obrigado! —



GREMIO ARTISTICO



A. Ramalho — Nos arredores de Evora

ABRIU no dia 15 do corrente, nas salas da Academia de Bellas Artes, a exposição de pintura annualmente promovida pelo Gremio Artistico

A concorrência de artistas á exposição, menos numerosa que a dos annos anteriores, dá uma nota impressionante de desanimismo na produção artistica, facto, de resto, bem comprehensivel, desde que se saiba que os compradores de quadros em Portugal estão circunscritos a uma pe-

quenissima minoria de amadores de Arte e que esses mesmos se teem ultimamente retrahido. Ainda assim a exposição compõe-se de 81 quadros a oleo, 18 aguarellas, 2 esculpturas, 5 desenhos, architectonicos e 7 desenhos a pastel.

Alguns artistas de merito deixaram de concorrer por diversas causas, das quaes a principal, crêmos, por não poderem perder tempo a pintar quadros para os ateliers, verdade acabrunhante para todos os que se interessam pela Arte em Portugal. As exigencias, sempre crescentes, da vida de cada dia, a pouca protecção que por parte do Estado e do publico, os artistas encontram em Portugal, obriga-os a dedicarem a sua actividade productora a trabalhos que lhes tragam os recursos immediatos que o viver exige. Não quer isto dizer que muitos se não sacrifiquem para annualmente mostrarem que a pintura ainda vive, entre nós, atribuladamente é certo, mas com muito talento e com muita gloria.

A exposição actual, que os criticos azedos e espirituosos nos perdõem, é d'isso prova incontestavel. Nos quadros expostos ha, realmente, obras de sincero valor, demonstrativas de talento superior e grande, que só por si tornariam benemerita, se outros titulos a isso não tivesse, a presstante aggremação que a promoveu.

Perante a indifferença publica que por tão variadas fórmas se manifesta por tudo o que se relaciona com a Arte, a exposição do Gremio é um protesto sereno e honesto que é preciso continuar e que merece o nosso mais sincero applauso.

Publicamos em seguida os nomes dos expositores.

Pintura a oleo

D. Luiza Guedes Machado de Figueiredo Abreu Almedina;
D. Branca Assis, discipula de Carlos Reis — Menção honrosa pelo Gremio Artistico; D. Clotilde Feio Soares d'Azevedo, discipula de Carlos Reis; Mademoiselle Joséphine Bénard, discipula de



Condeixa — Vas o da Gama perante o Samorin, em Calicut



José de Brito — A mulher com os gatos

Conceição Silva — Menção honrosa pelo Gremio Artístico; Augusto Paschoal Corrêa Brandão, discípulo da Escola de Bellas-Artes; José de Brito; João Candido Canal, discípulo de Carlos Reis — Medalha de 3.^a classe pelo Gremio Artístico; Arthur Alves Cardoso, discípulo de Carlos Reis; Jorge Colaço; Ernesto Ferreira Condeixa; João Ferreira da Costa, discípulo de J. Ferreira Chaves e José Velloso Salgado; João Dantas; D. Adelaide Vasconcellos Barbosa Fernandes — Menção honrosa e medalha de 3.^a classe pelo Gremio Artístico; Constantino Alvaro Sobral Fernandes, discípulo de José Velloso Salgado — Menção honrosa e medalha de 3.^a classe pelo Gremio Artístico; Luciano Freire; João Carlos Galhardo; D. Sara Vasconcellos Gonçalves — Menção honrosa e medalha de 3.^a classe pelo Gremio Artístico; Pedro Guedes, discípulo de J. Ferreira Chaves e José Velloso Salgado; José de Sousa Moura Gyrão; D. Elisa Pacheco Sequeira Lopes, discipula de Silva Porto e E. Ferreira Condeixa; D. Emilia Pacheco Sequeira Lopes, discipula de Silva Porto e E. Ferreira Condeixa; D. Henriqueta Pacheco Sequeira Lopes, discipula de E. Ferreira Condeixa; José Malhõa; Mademoiselle Fanny Munro, discipula de Silva Porto — Menção honrosa pelo Gremio Artístico; Alfredo José Torquato Pinheiro; Manuel Henrique Pinto; Joaquim Porfirio, discípulo de Carlos Reis; D. Natalia Muñoz y Puig, discipula de A. Aublet — Menção honrosa pelo Gremio Artístico; Antonio Ramalho; Julio Ramos, discípulo da Academia Portuense de Bellas-Artes — Medalha de 2.^a classe pelo Gremio Artístico; Carlos Reis; José Velloso Salgado; José Antonio dos Santos Junior, discípulo de José Velloso Salgado; Antonio Manuel da Saude;

José d'Almeida e Silva, discípulo da Academia Portuense de Bellas-Artes — Menções honrosas e medalhas de 3.^a classe pelo Gremio Artístico; Candido da Silva Junior, discípulo de José Velloso Salgado; D. Maria Simões, discipula de Silva Porto e Luciano Freire — Menção honrosa pelo Gremio Artístico; João Maria de Jesus de Mello Falcão, discípulo de Carlos Reis; João Vaz; Joaquim Antonio Viegas, discípulo de José Velloso Salgado; Mademoiselle Zoé Wauthélet — Menção honrosa e medalhas de 3.^a e 2.^a classe pelo Gremio Artístico.

Aquarella

Bartholomeu Sesinando Ribeiro Arthur, discípulo de Simões d'Almeida e Casanova; Mrs. S. Roope Dockery, discipula de Claude Hayes; Alfredo Guedes, discípulo de Antonio Ramalho — Menção honrosa e medalha de 3.^a classe pelo Gremio Artístico; Manuel Roland, discípulo de George Ianz.

Esculptura

Antonio Augusto da Costa Motta (sobrinho), discípulo de Simões d'Almeida e Costa Motta; Aleixo de Queiroz Ribeiro.

Architectura

Eduardo Alves, discípulo da Academia Portuense de Bellas-Artes — Menção honrosa e louvor pela Academia; Antonio do Couto, discípulo de José Luiz Monteiro — Medalha de 3.^a classe pelo Gremio Artístico.



Malhõa — No forno

Desenho

João G. Mattoso da Fonseca; Adriano de Sousa Lopes, discípulo de Luciano Freire e José Velloso Salgado; Alfredo José Torquato Pinheiro e Joaquim Porfirio.

TRINDADE COELHO



PARA fallar do illustre escriptor, cujo retrato este jornal publica, encarregando-me de o acompanhar de notas, a minha honestidade de critico, obriga a minha intelligencia a uma grande concentração, afin de separar o que haja de amigavel no altissimo juizo que fórho do seu talento, tão singular e tão pessoal, e só notar, o que deva notar-se, cotando o escriptor no seu verdadeiro merecimento, sem que o amigo se manifeste, agitando as mãos em palmas de saudação, por detraz do critico, que tem de ser imparcial, frio, medindo, como um mathematico exigente que tira, cuidadosamente, a prova a uma operação.

Esse trabalho é, porém, todo de retrospectão: buscar estados d'alma anteriores ás minhas relações com o Trindade Coelho, e depural-os atravez do conhecimento de obras novas, de modos de ser differentes, que vieram confirmar, explicar, desenvolver esses juizos antigos.

A qualidade predominante em Trindade Coelho é a clareza. Nos seus contos, nos seus artigos, nas suas promoções juridicas, na maneira como talha um argumento, como expõe

uma questão, surprehende-nos a forma clara, nitida, como lhe apparecem no cerebro todas as ideias, em contornos firmes, bem desenhados, regulares, como uma figura de geometria.

Não tem uma imagem, um desenho, uma phase, uma annotação rapida, esmerada, a crepuscular: tudo é nitido, tudo está bem fixado, tudo nos resalta, á primeira vista, porque a sua phrase é typica, a ideia cunha a phrase, que não póde servir para outra, como nenhuma outra phrase se poderia adaptar a essa ideia com a maleabilidade da cera, com que as suas phrases correspondem ás ideias.

Os angulos definem se bem; as curvas, accentua-as o escriptor, largas e carinhosas e mesmo o brilho do luminoso bando das suas imagens que batem azas, teem aspectos definidos. Dir-se-ia um diamante regularmente facetado, que se fizesse flôr.

Não vá perceber alguém que por absurda hypothese — credo quia absurdo — não tenha lido algum escripto de Trindade Coelho, que o seu estylo é em arestas, é duro, feito de phrases secas. Pelo contrario, ninguem como elle amacia e modula a phrase e tem o condão de descrever, na delicadeza de certos desenhos de Puvis de Chavannes, aspectos serenos e doces, paizagens que adormecem, como n'esse *Idyllio pastoril*, que illumina os «Meus amores» com uma luz coada por todas as delicadezas, enfestada de canduras de myosotis.

Esta é a sua qualidade primordial: a clareza. É por meio d'ella que o seu estylo se torna como um espelho, ao reflectir illuminadas passagens, e que nos levanta, em dois traços, uma feira bullenta de *Tras-los-Montes*, onde os varapaus se cruzam, raivosamente, e que pinta scenas tranquillias de interiores, como na *Lareira*.

Não só nos seus escriptos, mas em conversas intimas, em pequenas catureiras d'amigos, manifesta-se esse genio de clareza, por mim tantas vezes louvado e invocado, em que primaram os escriptores gregos, dando aos argumentos a fórmula decisiva, expondo as questões nos seus termos por assim dizer algebricos, nada faltando, nada sobejando: atticos.

Outra qualidade que valorisa a sua prosa, e com a que atraz cito, faz d'elle um dos nossos primeiros escriptores e porventura o primeiro contista, alçando-o ao alto plano em que a minha admiração colloca Garrett, Camillo, Silva Pinto, Eça de Queiroz, é a simplicidade.

Não imagine alguém, que eu faço da simplicidade litteraria a ideia grotesca de que é o desataviado, o que sae, o desmazello. A simplicidade — parece idiotia dizel-o — é a complexidade: é formada, como um só effeito musical, que nasce de 30 instrumentos diversos, de elementos differentes, que se combinam, que conjugam, de modo a parecer um só som, uma só luz, a comungar n'um effeito unico. A simplicidade litteraria consiste na harmonia de partes, no parecer o conjuncto feito d'um só jacto, d'um só bloco, quando na sua composição entram differentes materiaes. A simplicidade consiste no equilibrio de todas as partes, de modo que avolume o que deva ser avolumado, bata-se o que deva quasi desapparecer, de fórmula que um golpe de vista apprehenda o todo, harmonico, uno, como um jorro de luz, formado por mil candelabros, e sae uno, simples por uma janella, sobre uma rua escura.

Foi assim a Arte grega. Cuidados todos os elementos que hão de formar um templo, com um grande requinte, o conjuncto suggere-nos a ideia que elle nasceu da propria terra, d'uma só vez, como da cabeça divina de Zeus, Pallas, protectora d'Athenas.

É esta a simplicidade que eu elogio: é esta que se encontra em Trindade Coelho, que cura os promenores, e não escreve uma phrase, sem saber que ella é impeccavel.

Dos seus escriptos concluem os menos entendidos em assumptos litterarios, que são feitos d'um só correr de pena sobre o papel, tal é a singeleza, tão bem feito está: será assim, materialmente, mas o conto, o artigo, foi *visionado* durante algum tempo, pesada cada uma das suas partes, com grande rapidez, é verdade, mas rapidez que nasce tão sómente da intensidade productora do seu grande talento.

Tenho presente, aqui, no meu gabinete, a primeira carta, que recebi de Trindade Coelho: uma larga folha de papel, riscada a agua, nas quatro laudas escripta, de duas em duas linhas: lembro-me, de ter ficado agradavelmente surprehendido com aquelle modo de ser tão diverso de tudo quanto vira, carta simples e clara, e mostrei-a a alguns amigos, para admirarem tambem, pois era apenas de cumprimento por um livro enviado. N'essa simples carta, como em bilhetes postaes, em notas, que mais tarde me escreveu, as grandes qualidades do escriptor se manifestavam: a clareza, a simplicidade. . . e a expontaneidade.

É que Trindade Coelho está na sua meza, a trabalhar, desafogadamente. Não põe cabelleira postica, nem se veste de tunicas, nem guarnece de renda os seus punhos: abre-se e escreve. Observa, sem talvez o conhecer, o conselho do grande e terno Amiel: «laisse les vivants vivre et resume tes idées, fait le testament de ton âme.»

De que não ha contrafacções no seu modo de ser, de que a sua alma vive constantemente n'essa atmospheria de luz, de arvores e d'aguas cantantes, que respiramos nos seus livros, é vèl-o, ao ver o magnifico retrato que fez d'elle Columbano, obra-prima de retrato, que não empallidece ao pé de qualquer grande mestre hollandez.

No seu olhar claro, atravez as lunetas, sorri uma grande franqueza e na bocca de labios grossos, entreaberta, a energia do seu character e do seu talento, essa forte energia, que reduz a formulas simples, complicados problemas, como o demonstram não só os seus contos e artigos jornalisticos, mas este monumental projecto do Codigo do Processo Criminal, de que a intelligencia d'um ministro d'alta iniciativa lh'o incumbiu.

Parece-me ter dito, em breves linhas, que o espaço que me foi tão gentilmente reservado não me permite mais, em que consiste a personalidade litteraria de Trindade Coelho. Como jurisconsulto, outro dia d'elle tratarei, mas vem ao caso explicar essa aparente dualidade do escriptor: ser um imaginativo e um positivo.

Qualquer estudo, uma vez que a intelligencia esteja livre, é amavel. Dotado d'um talento todo de clareza, é grato ao seu espirito achar a luz, no meio do cahos, e, acontece que processos volumosos e complicados, cifra-os elle em duas notas claras, estabelecendo as bases para se resolver os problemas.

Não ha estudo revoltante porque todos elles dão margem a especulações intelletuaes e no Direito apparecem casos em que o nosso amôr proprio faz seguir a nossa intelligencia, com equal interesse ao d'uma costureira, a quem seduz um grande lance dramatico de folhetim popular.

HENRIQUE DE VASCONCELLOS.

PONTARIA ERRADA



MODAS

COM a primavera reaparece o *Bolero*. O ultimo modelo é um pouco mais comprido na frente, e aberto sobre um collete com setim bordado, ou sobre mousseline de seda *plissée*. Tornal-o-ha mais elegante e *coquet* uma golla á maruja, guarnecida de *guipure*, ou bordado antigo, recamado de pedras de côr. N'este caso, a golla da *chemisette* faz-se de velludo, coberta com estas pedras. Como *toilette de soirée*, notei n'uma festa dada um d'estes dias, um vestido de tulle grego sobre um fundo de seda preta. As mangas, e o collo do vestido, abertos em claro. Com dois *dessous* poder-se ha variar a *toilette* sem grandes despezas.

M.^{elle} BLANCHE.



Sala de jantar do *Alvares Cabral*

forças ainda respeitadas e temidas n'uma sociedade indolente, medradora de aventureiros felizes. E foram esses homens, o Dr. Moreira Feio, magistrado judicial muito distincto e João Nunes da Silva, um dos mais illustres officiaes da nossa marinha mercante. O que esses dois homens passaram para conseguirem reviver modesta mas honrosamente a antiga companhia daria para uma d'essas epopeias do trabalho obscuro que raras vezes o grande publico chega a conhecer. Mas á custa de um trabalho insano e arduo os tres melhores vapores da antiga empreza, o *Malange*, o *Rei de Portugal* e o *Moçambique*, tres magnificos barcos com todos os modernos melhoramentos, foram postos a navegar.

Mas a lucta não estava nem está terminada. Apos veio a concorrência desleal das companhias estrangeiras. Ahi, porém, mais uma vez se manifestou o patriotismo e a generosidade dos portuguezes que longe da terra natal sobre ella, como, sobre uma mãe querida e ausente, teem fitos os olhos, soffrendo as suas dores em dias de desgraça ou enchendo de alegria o coração quando a vêem respeitada e feliz. Veio o auxilio carinhoso e grande dos portuguezes no Brazil, dando dinheiro e sacrificando interesses para que não acabasse uma tentativa tão honesta e gloriosa para o seu paiz. Escudada, garantida assim a existencia da Mala Real uma severa economia intelligente tem presidido á sua administração e brevemente o publico pelo relatorio e contas da administração terá conhecimento dos lucros realmente muitissimo importantes que ella tem conseguido obter apezar das grandes despesas com que tem luctado. Uma d'ellas foi a ultimamente realisada com o antigo paquete *Moçambique*. Este barco precisava de uma grande repara-

ção nas machinas e caldeiras e de uma renovação importantissima. Consultados varios engenheiros foram de accordo que essa grande reparação não podia ser feita pela industria nacional. Esta difficuldade foi porém com grande louvor para Portugal vencida pela boa vontade e intelligencia dos srs. João Peres, constructor de caldeiras e do sr. Ramiro Cardoso, primeiro engenheiro machinista do *Moçambique*. Esses dois homens conseguiram em pouco tempo renovar todo o machinismo e caldeiras avariadas e por uma fórma tão brilhante que no dia das experiencias officiaes, para as quaes foi convidada a imprensa, não houve o minimo accidente menor minimo desvio. Todo o grande e possante machinismo do navio obedeceu sem uma hesitação ao que d'elle se exigiu. Esse dia foi de regosijo para Moreira Feio, Nunes da Silva e os seus collegas e amigos, Renovado assim o *Moçambique* resolveu a direcção, dar-lhe o nome de *Alvares Cabral*, nome que recorda uma das maiores glorias da marinha portugueza. N'esse dia tornou-se *Mala Real Portugueza*, duplamente benemerita, como n'um brinde aos seus directores, disse a bordo, quem escreve estas linhas: Benemerita pelo lustre que dá á marinha mercante nacional e pela revelação que nos fez de que em Portugal a industria é uma força poderosa e capaz dos maiores empreendimentos.

Agora em que escrevo estas linhas corta as aguas com a elegante prôa voltada para esse grande e uberrimo paiz que se chama o Brazil, o *Alvares Cabral*, navio pertencente á Mala Real. Este facto que em outro paiz não seria motivo para um artigo, representa, no entanto, para Portugal um progresso que é preciso registrar com louvor e incitamento. Todos sabem a historia da Mala Real empreza fundada com grandes capitaes e magnificos navios, sepultada nas ruinas de uma fallencia vergonhosa por honrosamente injustificada. O que muitos não sabem é a tenacidade a coragem realmente heroica dos poucos e leaes portuguezes que, envergonhados de uma queda assim tão desastrosa, deitaram hombros á pesada tarefa de fazer resurgir essa empreza que era um padrão de gloria nacional. Á frente d'esses poucos valorosos appareceram porém, dois homens, duas vontades ferreas, energicas, escudadas no valor da henestidade e da intelligeneia, duas



Grupo de jornalistas, officiaes do navio e directores da Mala



A indispensavel antecipa-
ção, com
que este se-
manario tem de en-
trar na machina,
impede-nos, por ve-
zes, de nos referir-
mos a diversas pe-
ças que, á data da
publicação da nos-
sa revista, já te-
nham sido paten-
teadas á luz da ri-

balta. Estão n'esse caso a *Serrana*, drama lyrico de que hoje fallamos em artigo especial e o *Tio Virtudes*, peça actualmente em scena no theatro do Principe Real.

Outras *premières* ainda se realisaram de então para cá. Começemos, portanto, pelo theatro D. Amelia onde, segunda feira subiu á scena o drama original do nosso distincto collega da *Tarde*, o sr. Hygino de Mendonça, e ao qual elle deu o titulo de

Amor de Mãe. Essa peça é muito interessante, deixando antever no seu auctor excellentes qualidades como escriptor theatral. A primeira representação do *Amor de Mãe* correu um tanto tempestuosa, transparecendo bem claramente a má vontade de certos espectadores, alguns dos quaes, pela sua condição especial, deviam abster-se de manifesta-
ções.

O desempenho foi bastante correcto, tendo-se distinguido a actriz Maria Pia.

Na Trindade tivemos a primeira representação da opereta *Um casamento em Fanhões*, E' uma singela peça, escripta pelo sr. Luiz d'Araujo, desenvolvendo-se a acção em tres despreten-
ciosos actos, todos elles pequenissimos. No mesmo genero d'*As intrigas do bairro*, ouve-se com certo desenfado.

No desempenho ha a notar Rosa Paes, Queiroz, Alfredo de Carvalho e Roldão.

Em festa artistica do estimado actor Cardoso, subiram á scena, no Gymnasio, duas gra-
ciasas comedias. Uma d'ellas, *O sr. deputado*, tem um entrecho complicadissimo, repleto aas mais interessantes e inesperadas situações que, empolgando o espectador, o conservam na melhor dis-
posição de espirito.

No desempenho distinguem-se Barbara, Joaquim d'Almeida, Telmo, Ignacio, Cardoso e Marcellino Franco.

O Principe Real, como successor d'*A Galdéria*, drama de Decourcelle, deu-nos o *Tio Vir-
tudes*, que tambem é obra do mesmo auctor. Esta peça, embora tenha bastantes scenas interes-
santes, cae, por vezes, em certa monotonia que o seu auctor poderia ter evitado, apertando a ac-
ção que se apresenta diluida em cinco longos actos e sete quadros.

O *truc* dos leões é de bello effeito.

O desempenho é muito correcto, se attendermos aos recursos de que dispõe a maior parte dos artistas do popular theatro.

Devemos, no emtanto, especialisar Cinira Polonio, que deu ao personagem de domadora um grande relevo, Adelina Ruas, que teve scenas felicissimas, Luciano, Torres, Pato Moniz e Baptista.

Depois de aturados ensaios, que quasi pareciam dispostos a eternisar-se, conseguiu a em-
preza do Real Coliseu pôr em scena a revista do anno *A Geringonça*. — A peça, depois d'alguns
córtes que, inevitavelmente deve ter soffrido da *première* para cá, talvez consiga fazer regular
carreira.

A companhia que entra na revista é bastante modesta. E', porém, de justiça dizer que to-
dos cooperaram para que a peça apresentasse um conjuncto agradável.

E eis, a traços largos, tudo quanto de mais importante se tem passado estes ultimos dias nas casas de espectáculo de Lisboa.

SIPHAX.

INEDITOS

Semei, no tempo das flôres
A flôr dos meus verdes annos...
Nasceram sonhos, amôres,
Tristezas e desenganos.

ALBERTO BRAMÃO.

A CASA DE BONECA



Lucilia Simões

fôrma tão verdadeira, tão humana e tão sentida, que impressiona e profundamente surpreende. Muito nova, ha pouco creança ainda, parece que ella herdou esse dom precioso que tornou sua mãe, a grande actriz Lucinda Simões, uma das mais solidas e puras glorias do moderno theatro portuguez, duas vezes gloriosa: pelo talento inconfundivel e pela coragem, com que, despresando a exploração gananciosa, perdendo muitas vezes o producto do seu arduo trabalho, põe em scena as grandes obras dos escriptores modernos, avêssas em geral ao gosto depravado da rendosa turba ignorante.

N'estes tempos de egoismo e de especulação desenfreada é consolador para todos os que amam a Arte encontrar quem assim tão alto a sabe collocar, quem assim tão alto lhe presta culto. O que Lucilia Simões faz n'esse bello papel de *Nora Helmer*, é tão realmente extraordinario e grande que só a phrase de um nosso presado amigo e distincto escriptor ha dias publicada a proposito do desempenho da *Casa da Boneca*, exprime bem a admiração que se sente em presença d'essa grande revelação de talento scenico.

«Não sei de palavras que a definam, e só me consolo dizendo a mim proprio que «se Lucilia não existisse seria necessario invental-a para a deliciosa *Nora da Casa de Boneca!*»

Desculpem-nos as duas grandes artistas a modestia d'esta homenagem que, se não vale pelo que é, tem o grande merito de ser sincera e desinteressada.

A EMPREZA do Gymnasio proporcionou aos amadores de bom theatro a representação de uma das melhores peças de Ibsen, *A casa de boneca*, pela companhia Lucinda Simões.

Não cabe na estreiteza d'esta pequena referencia á representação do magnifico drama do grande escriptor norueguez, a descripção da peça bastante conhecida dos que lêem. Todos sabem que ha ali um papel, o de *Nora*, só abordavel pelo talento de uma grande comediante, papel que é a alma, a vida d'aquelles tres actos emocionantes.

Lucilia Simões, essa ainda ha pouco risonha e grande esperanza da arte portugueza, foi a escolhida para o desempenho d'esse difficil papel. O modo como ella se sabiu d'essa difficuldade, é por tal fôrma empolgante e por tal maneira correcto, que a realidade esperada ahi está a proclamar uma grande e inconfundivel artista, comprehendendo e executando a grande Arte na sua mais pura expressão, incarnando os personagens por uma



Lucinda Simões

QUEM tanto se distingue na destra e proficua arte de Marialva, tem jus á nossa homenagem, que, embora modesta, visa de preferencia os que mais se salien-

tam em qualquer phase do *sport*.

João Gagliardi pertence seguramente ao numero dos nossos mais afamados professores de equitação e possui, como nenhum outro, um picadeiro, onde conseguiu reunir todos os aperfeiçoamentos conhecidos do seu mistér e que, por isso mesmo, a sua escola de equitação se enche de individuos pertencentes ás mais elevadas camadas sociaes, que ali vão pressurosos a fim de adquirirem o ensino do meio de transporte mais elegante e distincto até agora conhecido.

No nosso retratado d'hoje reúnem-se todas as qualidades exigidas d'um bom picador, e assim o podemos avançar, porque estamos conscios pelos

exuberantes testemunhos que constantemente nos dá, exhibindo-se em publico sempre com geral approvação. E dizemos geral, visto que os proprios criticos auctorisados, os verdadeiros mestres, se não cançam de elogial-o. Temol-o admirado: umas vezes como equite, domando sob as suas pernas d'aço os mais fogosos corceis; outras apresentando cavallos em liberdade e ainda outras toureando montado com verdadeira pericia e denodo. Além d'isso não é raro vel-o pela Avenida, Campo Grande e outros logares em

passeio de estudo, rodeado de muitos cavalleiros e gentis amazonas, que, attentos no mestre e ouvindo-lhe o auctorisadissimo conselho, se vão exercitando para poucos tempos depois o deixarem, com saudades do seu alegre convivio mas perfeitamente adestrados e elucidados em todos os segredos da equitação. É que o *mestre João* como familiarmente o tratam, dispõe d'um methodo de ensino de facil comprehensão, *dom* que não é commum a todos os professores, apesar de lhes ser indispensavel.

Foi picador das guardas municipaes, cargo bastante espinhoso, que teve de abandonar por causa da grande affluencia de lições particulares e das classes. N'esta occasião o commandante, apreciando devidamente a fórma como Gagliardi se houve no desempenho de semelhante emprego, propoz e foram-lhe conferidas as honras de picador honorario d'aquelle corpo do exercito, como galardão, de que na realidade era merecedor.

E para justificar a sua notoriedade, basta dizer que duas das principaes aggremações de Lisboa, — o Real Gymnasio e o Real Club Velocipedista — se honram de o poder incluir no numero dos seus professores.

PETRUS.

HYGIENE ELEGANTE

A PELLE DO ROSTO

LONGE estavamos de suppôr que a nossa despretenciosa secção fosse tão favoravelmente acolhida pelos leitores e em especial pelas leitoras d'este semanario. Recebemos já varias cartas, contendo pedidos e consultas, a que vamos immediatamente attender, demonstrando assim os bons desejos que temos de ser amaveis para com as nossas gentis correspondentes.

Seria preferivel, por mais de um motivo, começar esta palestra pela hygiene da pelle em geral. Outro dia trataremos, porém, d'esse assumpto, porque desejamos responder hoje a duas leitoras, que nos consultam mais restrictamente. A impaciencia das referidas damas denota o seu *coquettismo*, permittam-nos o termo, qualidade que nenhuma mulher desdenha, e que é apenas o symptoma evidente do amor do bello e de um bom gosto aprimorado.

Trataremos, pois, da pelle do rosto.



Em esthetica feminina, podemos considerar a pelle sob dois pontos de vista:— *oleosa* e *sêcca*. A pelle oleosa, desagradavel prerogativa de certas pessoas, nada tem que vêr com o estado geral de magreza ou obesidade.

Senhoras demasiado nutridas pódem ter uma pelle muito sêcca, ao passo que meninas magras, de estatura svelta, apresentam a pelle em extremo unctuosa, rica em materias sebaceas, luzidia como a banha, offerecendo, n'uma palavra, um aspecto desagradabilissimo.

Para uma pelle d'esta natureza á sempre inconveniente o uso de pomadas, cuja base seja a banha, ou a vaselina. Bastará lavar o rosto pela manhã e á noite, levemente aromatisada com vinagre virginal.

Eis a formula :

Espirito de alfazema.....	150	grammas
Vinagre aromatico.....	150	»
Tintura de apoponax.....	35	»
Tintura de eucalypto.....	15	»

CORRESPONDENCIA

K. S. (*Lisboa*).— Satisfaço, como viu, o seu pedido. Espero que a receita acima produzirá o effeito desejado.

JULIA M. S.— A mesma resposta.

AMELIA e HENRIQUETA (*Estephania*).— Não posso responder pelo jornal. Indiquem morada, e mandem estampilha para a resposta ir pelo correio.

MADEMOISELLE X. (*Porto*).— Encontrará no proximo numero a indicação pedida.

MIGNONNE (***)— Mande mais explicações.

DR. PHILOGYNO.

SECÇÃO RECREATIVA

Optica — *O passaro na gaiola*—Cortem-se dois discos de cartão delgado, do diametro de uma moeda de vintem, n'um dos quaes se pintará um passaro e no outro uma gaiola; prenda-se um fio a cada extremidade d'estes discos, um em cada lado, de modo que se possam fazer girar, collocados costas com costas (ou verso com reverso), torcendo os fios entre o pollegar e o index de cada mão: durante o tempo em que estes dois discos assim collocados girarem entre os dedos, o desenho parecerá unico, representando um passaro na gaiola.

Anecdota—Certo individuo, que não sabia francez foi nomeado pelo governo para fazer parte d'uma commissão encarregada de ir a Paris estudar diversos trabalhos.

Chegado lá o nosso homem foi com um seu amigo passear pela cidade.

— O' F... a quem pertence isto ?

— *Je n'en sai pas.*

Mais adiante tornou:

— O' F... a quem pertence este lindo estabelecimento, esta quinta ou esta officina etc., conforme o que iam vendo, ao que o amigo lhe respondia quasi sempre :—*Je n'en sai pas.*

Quando regressavam ao hotel, o nosso homem perguntou muito serio ao seu amigo :

— O' F... quem é este *Je n'en sai pas*, que é tão rico ?

CHARADA

Muito honrado e bom sujeito
Tem ido a ella parar,
Por outros que de direito
Lá deviam acabar.—2

A quem isto succedeu,
A historia nos informa,
Fosse christão ou atheu
Tinha sorte d'esta forma.—2

Afinal, é, não invento,
D'entre os dentes a espessura
D'um conhecido instrumento
Que em certas funções figura.

PETIT-POULET.

A decifração do logrogrifho do numero anterior é «Arlequinada»

AGUAS MINERAES NATURAES

12 MEDALHAS DE OURO—10 DIPLOMAS DE HONRA

Purgativas sem irritar.
anti-biliosas, anti-berpeticas.
Mais do que medicos tem attestado a sua
efficacia como regularizadora das funcoes
digestivas e reparaadora de todo o organismo.

CARABANA

A' venda em
todas as pharma-
cias. Todas as garrafas
levam collado um rotulo
com a firma dos unicos depo-
sitarios para Portugal e colonias

Ribeiro da Costa & C.

150 E 152, RUA DO ARSENAL, 150 E 152—LISBOA

RIBEIRO DA COSTA & C.

PEITORAL DE CAMBARÁ

DE SOUSA SOARES

Cura a TUBERCULOSE ou TISICA PULMONAR, a BRONCHITE, a CO-
QUELUCHE, a ASTHMA, o DEFLUXO e a ROUQUIDÃO.

Está approvado pela Exm.^a Junta Central de Hygiene Publica do Rio de
Janeiro; premiado com CINCO medalhas de 1.^a classe pelas Academias Nacio-
nal de Paris, Parisiense dos Inventores de França, e pelas exposições Bra-
sileira, Allemã e Universal de Chicago, e rodeado de grande numero de attes-
tados medicos e de pessoas curadas de gravissimas enfermidades.

O PEITORAL DE CAMBARÁ de Sousa Soares, é de efeitos admiraveis em
todas as affecções do aparelho respiratorio:

- allivia promptamente as tosses dolorosas, toraande-as brandas e espe-
cutorantes até cural-as completamente;
- faz diminuir, até desaparecerem, os accessos astmaticos mais terriveis;
- combate energeticamente as affecções pulmonares, curande-as radical-
mente no primeiro e segundo periodo;
- debella, de fórma rapida, a sequeluche, a rouquidão, a laryngite, etc.

O PEITORAL DE CAMBARÁ, que é o remedio para molestias dos orgaos res-
piratorios que mais se vende no Brazil, encontra-se á venda em todas as prin-
cipaes pharmacias do Continente, Açores, Madeira, Africa e India Portuguesa.

São agentes
e depositarios **RIBEIRO DA COSTA & C.** 150, R. do Arsenal, 152
LISBOA



BILHARES DE PRECISAO

Guarnecidos com a celebre tabella americana

MONARCH

Unica tabella usada pelos professores
do mundo inteiro

Pannos, tacos, bolas, sollas
e giz para bilhares

JOGOS DIVERSOS DE NOVIDADE

FORNECIMENTOS COMPLETOS PARA CLUBS,
GREMIOS E SOCIEDADES

CARTAS, TENTOS E FICHAS PARA TODOS OS JOGOS

José Alexandre de Senna

38 — RUA NOVA DO ALMADA — 38

CASA FUNDADA EM 1834

LISBOA

Peçam o catalogo illustrado

SABONETES MEDICINAES

Sabonete de borato de so-
dio (borax).—Muito empregado
nos eczemas, psoriasis, va-
zagens contra a erysipela, e
como sabonete de toilette.

Sabonete d'acido salycilic-
co. — Poderoso antiseptico;
uma solução concentrada im-
pede o desenvolvimento espon-
taneo das bacterias no ar li-
vre. D'ahi a sua grande utili-
dade como sabonete de toilette.

Sabonete de naphтол.—É
de grande utilidade como des-
infecante da pelle.

Sabonete d'alcairão com
fumaria. — Junta as proprie-
dades do alcairão ás da fuma-
ria, sendo, portanto, de gran-
de utilidade nas varias der-
matoses.

Sabonete d'alcairão com
araroba. — Recommenda-se,
sobretudo, nas affecções her-
peticas, psoriasis, impetigo e
outras doenças cutaneas.

Sabonete sulfuroso. —
Muito util em diferentes affec-
ções cutaneas e sobretudo na
sarna.

Sabonete de sublimado
corrosivo.—Um dos me-
hores desinfecantes conhecidos.
É de grande utilidade nas
lavagens antisepticas.

Sabonete de creolina. —
Possue propriedades antisepti-
cas manifestas; não é toxico
nem caustico; emprega-se nas
lavagens antisepticas e na des-
infecção dos instrumentos cir-
urgieos.

Sabonete de iehthylol. —
Muito empregado no trata-
mento do eczema, prurigo,
herpes, etc.

Sabonete de thymol. —
Usa-se com muita vantagem
nas doenças da pelle.

Sabonete d'aristol.—É de
bastante utilidade em diferen-
tes doenças de pelle, e sobre-
tudo no psoriasis. O aristol é
um succedaneo do iodoformio
que opera energeticamente sem
acção nociva, nem cheiro.

Sabonete de petroleo. —
Muito recommendado por Mr.
Constantin Paul, para comba-
ter a sarna.

Estes sabonetes encontram-se á venda em to-
das as principaes pharmacias e drogarias, e no
deposito

Drogaria de RIBEIRO DA COSTA & C.^a

150, Rua do Arsenal, 152 — LISBOA

VINHOS DO SANGUINHAL

Das importantes propriedades
do Ex.^{mo} Sr. Francisco Romeyro Fonseca

SAUDE E HYGIENE

Pela sua pureza e qualidades inalteraveis com o typo de
Collares e Bucellas são aconselhados por distinctos medi-
cos aos seus doentes e ás pessoas debeis.

Typo Collares.....	garrafa	100 réis
» Bucellas.....	»	110 »
Tinto.....	litro	130 »
Branco.....	»	150 »
Vinagre natural.....	garrafa	70 »

Tem tambem á venda Vinhos do Porto,
Madeira, Carcavellos, Setubal,
Moscatel, Cognacs, Xerez, Rheno
e licores das marcas mais acreditadas.

DEPOSITO

129—Rua do Alecrim—131

LISBOA

PHOTOGRAPHIA A CORES — ATELIER DE A. SERRA RIBEIRO RUA DO LORETO, 61, 1.º (frente à Rua da Atalaya) — LISBOA

Neste atelier executa-se com a maior perfeição o maravilhoso invento dos retratos a côres, trabalho que se faz desde o retrato mais pequeno até tamanho natural. Unica casa em Lisboa que trabalha por este processo para o que contractou um artista estrangeiro. O publico visitando o nosso atelier terá occasião de apreciar a exposição de retratos coloridos e a oleo em todos os tamanhos.

Encarregam-se de todos os trabalhos photographicos, tanto no atelier como fóra.

ATTENÇÃO

Afim de tornar bem conhecidos os retratos coloridos em tamanho natural, resolvemos fazer uns preços excepcionaes. Um retrato em tamanho natural, colorido, medindo 0^m.50 por 0^m.65 de comprido, 6⁰⁰⁰ réis, e ricamente emoldurado 9⁰⁰⁰ réis; o seu preço antigo era 12⁰⁰⁰ réis. Este desconto é apenas feito durante o corrente mez e no de abril proximo, devendo, portanto, o publico aproveitar a occasião.

Satisfazem-se todas as encomendas das provincias, mediante uma photographia com a indicação das côres. A remessa das importancias deverá ser feita em vale do correio ou carta registada.

Os trabalhos são entregues no praso de 10 dias.

O Gato Preto

DA

RUA DA VICTORIA

(Esquina do Arco do Bandeira)

É a unica casa creada em Lisboa para a venda de Louça das Caldas premiada nas principaes exposições da Europa e da America — Grande deposito de louça artistica da Fabrica de Faianças, executada sob a direcção de *Raphael Bordallo Pinheiro*. — Especialidade em objectos para brindes. — de louça Fabrica do do Porto, Extremoz, Artigos de porcelanas, — Legitimas CALDAS. — de verga e condeças, fabrico exclusivo d'esta casa. — Bengalas. — Unica casa em Lisboa que vende as verdadeiras e apreciadas FIGURAS DO PORTO, feitas pelo primeiro artista no genero. — Deposito da AGUA DAS CALDAS.



Deposito artistica da *Carvalho* louça de etc., etc. — phantasia, vidros, etc. CAVACAS DAS Canastras

DESCONTO AOS REVENDEDORES

EMPRESA DE NAVEGAÇÃO A VAPOR

PARA O

ALGARVE E GUADIANA

CARREIRAS OFFICIAES E SUPPLEMENTARES



PELOS VAPORES

Gomes IV, Gomes VI e Gomes VIII

Saindo de Lisboa o vapor *Gomes VI* nos dias 1 e 16 de cada mez, ás 9 horas da manhã para Sines, Lagos, Portimão, Albufeira, Faro, Olhão, Tavira e Villa Real de Santo Antonio.

Os vapores *Gomes VI* e *Gomes VIII* fazem tambem carreira entre Lisboa, Porto e Algarve, duas vezes por mez.

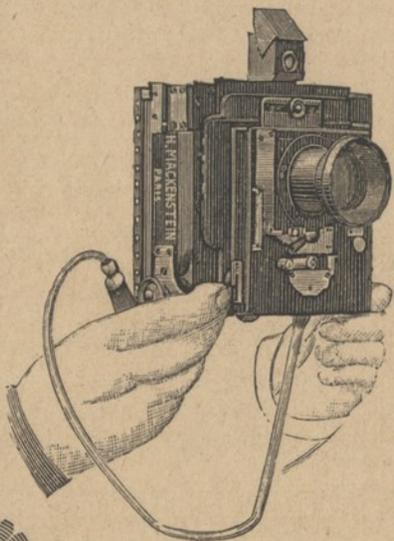
Para carga e passageiros trata-se em LISBOA

5, LARGO DOS TORNEIROS, 5

Alberto R. Centeno & C.^a

ARMAZEM PHOTOGRAPHICO WORM & ROSA

135—Rua da Prata—137
LISBOA



Machinas photographicas, completas, em todos os formatos, placas e papeis sensiveis. Utensilios e productos chimicos especialmente fabricados para a photographia, e cartongens.

DEPOSITARIOS: da Actien-Gesellschaft fur Anilin Fabrikation de Berlim. Reveladores photographicos privilegiados.



MALA REAL PORTUGUEZA

PARA A BAHIA, RIO DE JANEIRO E SANTOS

Via MADEIRA e S. VICENTE

O paquete MALANGE sahirá em 10 de abril proximo.
Para carga e passagens trata-se no escriptorio da Companhia

Praça do Municipio, 6—LISBOA

LISBOA NA RUA



POR JORGE COLAÇO